



TRADUCCIONES | TRADUÇÕES | TRADUCTIONS

Fermentario N. 9, Vol. 2 (2015)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien, Sorbonne. www.ceaq-sorbonne.org

Eros e contraeducação: figuras do (im)possível

Paolo Mottana*

Tradução

Laisa Guarienti

Renata Lanza

RESUMO

Na educação, muito frequentemente, ocorre uma produção paralisante do amar, do desejar, do gozar em prol da submissão e da subjugação sistemática da vida, do prazer e do possível. A pedagogia que parece sempre ter fé ao seu imaginário mais severo das doutrinas, dos castigos, dos julgamentos, segue essa linha paralisante dos desejos. A paixão e o prazer estão sempre em conflito radical com o paradigma que domina a instrução. E Eros, arquétipo do desejo, é proibido e blasfemo. Reabilitar o Eros significa fazer antipedagogia, forçando nossos sentidos inatos a restituir honra e cuidado do corpo, imaginação e desejo, ou seja, fazer contra-educação.

Palavras-chave: Eros, contra-educação, paixão, pedagogia, desejos.

* Professor na Università degli studi de Milano-Bicocca, Itália.

ABSTRACT

Frequently, in pedagogy, we paralyze the production of loving, desiring, enjoying in the name of the systematic submission and subjugation of life, of pleasure and of the possible. Pedagogy always seems to have faith in her most severe imagery of doctrines, punishment, judgement, following this paralyzing line of desires. Passion and pleasure are always in a radical conflict with the dominating paradigm of instruction. And Eros, archetype of desire, is forbidden and blasphemous. Rehabilitating Eros means to do anti-pedagogy, forcing our senses to reconstitute the honor and the care of the body, of imagination and desire, or else, to make counter-education.

Key words: Eros, counter-education, passion, pedagogy, desires

As fases da lua (Paul Delvaux)



(Paul Delvaux – As fases da lua I, 1939)

Os dois homens vestidos de terno ignoram. O modo de vestir determina o modo da distração. Os óculos levantados do míope, que, colocados corretamente, poderia oferecer a ele a visão da mulher nua a poucos metros, ao contrário, o conduz a inclinar-se sobre um objeto pequeno e inerte, talvez esse mesmo olho, em um circuito de febre obsessiva e auto referida. O segundo homem, com o olho arregalado e paralisado, evidência a impotência visível, parado, atônito, com os pés firmes no chão denotando a adesão rígida ao solo, até a estabilidade imóvel. São as figuras do astrônomo e do geólogo, que, aqui em *Fases da Lua I* (1939), têm a polaridade irredutível da atitude masculina de deixar a proximidade, a fixação e a incapacidade de contentar-se encontrada também além da pintura de Paul Delvaux, (na *Fases da Lua III*, em particular (1942)).

Símbolos de recusa obstinada e incompreensível de doar. Doação que se pretende enlaçada, silenciosa e imperturbável, com uma expressão um pouco sarcástica, consciente da sua sedução, pelo pequeno pé malicioso que ultrapassa o limite da grade. Atrás uma mulher, uma mesa com um globo terrestre, iluminado por uma lâmpada, moldura talvez da consciência humana, incapaz de verdadeiro esclarecimento, no qual ocorre que também de dia se acenda uma luz artificial.

Dia que finda com o crepúsculo, com a lua que aparece sobre a cena mantendo o valor simbólico, acolhendo na sua capacidade conjuntora de correspondência, *in limine*. É sobre essa lua diurna, em um tempo simbólico, talvez alusivo a uma possível conciliação dos contrários, que os homens vestidos ignoram a mulher que se oferece nua e enlaçada. No fundo da cena um jovem semivestido, figura dianteira e em trânsito, conduz ao som da sua flauta, em novela pífaria de Hamelin, um grupo de mulheres, também essas nuas, em uma espécie de cortejo reverenciando Bacco. O jovem aparece como figura do possível, enquanto, em contrapartida, dois homens em primeiro plano, indolentes e imperdoáveis, têm, ao lado deles, uma caixa de madeira virada, que contém um objeto que parece com um crânio, *sub specie* anamórfica, como nos *Embaixadores* de Holbein. Autêntica repreensão, no centro da imagem, sobre a aparência letal determinada de ignorar, de desertar o desejo dos dois homens.

A este quadro pode ser associado um outro trabalho de Delvaux, *o Congresso* (1941, mas também os *Astrônomos*, 1961), onde esta separação, entre homens mais velhos, com grandes olhos atônitos, vestidos e bem apresentados, realizando supostas atividades intelectuais e mulheres nuas ou coroadas com esplendidos chapéus, são colocadas em um salão que as marcam, em virtude de uma divisão clara de campo, o impossível e a paradoxal convivência. Aqui, no fundo, ao vão de uma porta, aparecem esqueletos, não acaso, ao lado do setor masculino. Um dos homens, enquanto se afasta, indo para o lado das mulheres, lança um olhar furtivo e hipócrita, para aquela beleza mais uma vez ignorada e iludida.



(Paul Delvaux – O Congresso, 1941)

Este é um tema que retorna, na pintura do artista de Liegi, que encontramos também na *Entrada na cidade* (1940), onde uma paisagem de estilo clássico, a paisagem sem tempo que insiste na nostalgia talvez de um outro tempo mais clemente, sobre essa condição irreduzível, preserva o desfile das belezas suntuosas que incidem como hipnotizantes da rua, coroadas da natureza, enquanto os homens, como de costume, aparecem mais distantes e atrasados, vestidos, atarefados, aprisionados na vontade de um agir à parte da sedução, do desejo, do possível.



(Paul Delvaux, Ingresso na cidade, 1940)

Um jovem só, ainda uma vez, seminu, está sentado em primeiro plano, enquanto se ocupa de explorar o mapa, talvez o *Mapa da Ternura*, como insinua Jean Clair¹, talvez a procura de uma paisagem que lhe permita entrar em contato com a aura de mistério que adverte, intui, o mistério erótico assim explícito com aqueles corpos femininos que expandem no entorno, no qual ele parece, porém, também não ver.

E não é talvez esta a figura do nosso ser, repetida a benefício de todos os cegos e surdos que nós mesmos somos esquecidos daquele possível puro prazer do qual somos circundados, que é imediatamente a nossa disposição e que também, por causa dos laços infinitos no qual nós somos submetidos, para nossa estupidez espetacular e inexoravelmente atarefada, ficamos aprisionados?

¹ Clair Jean, *Um sonho biográfico*, in AAVV, *Delvaux*, Skira, Milão-Florença, 1998.

O único a entrar, na sua pureza desinibida, permanece o menino, literal e sobretudo simbólico. Como no quadro *A visita* (1939), no qual finalmente um menino nu penetra no quarto do desejo no qual aparece ostentando ou talvez em verdadeiro voo angelical dos feitos femininos, na presença de uma jovem mulher sentada com as mãos segurando e oferecendo os seios. Ele a olha sem temor.



(Paul Delvaux, *A visita*, 1939)

O menino, figura do pedagógico, se o pedagógico não fosse permanentemente acompanhado do menino real fora daquela coexistência primitiva, íntegra, erótica, com tudo que a mulher de Delvaux representa, provavelmente o significativo. Arte da laceração e separação, muito frequente da pedagogia *magistra vitae*, é revelado sobretudo a domesticação e arranca do abraço erótico com a matéria e com a tela da analogia do qual é permeado o mundo como organismo. E tudo isso para que o tema erigido chegasse a dominar e a gozar o mundo. No lugar do menino o *cives*, protótipo

de uma abordagem de vida dominada e insuficiente, como aqueles atônitos observadores das telas de Delvaux.

Quanto trabalho e quanta coerção ocorre por produzir aqueles olhares insensíveis à beleza e à fascinação, somente intenções da decifração do morto e do inerte! Muito frequente na educação é a produção paralisante da incapacidade de amar, desejar, gozar. Em prol da submissão e subjugação sistemática da vida, do prazer e do possível.

Rigor mortis pedagogico

Eros e antipedagogia formam uma dupla indissolúvel. Porque sempre, no vocabulário reduzido do educador, a palavra Eros é blasfêmia e proibida. O Eros, como arquétipo do desejo, da afirmação vital, da paixão e do prazer está em conflito radical com o paradigma que sempre domina a instrução e que reza o rosário do cruzamento estreito entre a razão, controle e ascese. Ascese, se vigia bem, não só como extinção e eximir-se da possessão do pulsionar, mas também e sobretudo como prática febril do exercício e da repetição sublime da *tekne*. A ascese sempre foi a medicina administrada contra o perigo da paixão e quase todas as práticas psicagógicas, de Sêneca ao atual resgate do exercício espiritual da psicanálise, são confirmadas (fazem exceções certas escolas cirenaicas ou certas heresias gnósticas).

Hoje é Peter Sloterdijk a fazer, entre outros, entusiasta propositor de uma pedagogia da ascese, como exercício acrobático de excelência². Mas se o filósofo ex-“kiniko”³, se empenha em uma curiosa releitura do cinismo em uma chave atlética (treinamento), é sempre que o pedagógico expeli a chamada do prazer para entoar com toda a força o elogio do cansaço, da resistência, do rigor. O *rigor (mortis)* é palavra chave da pedagogia e não por acaso continuamente invocando de longe cada boa operação. Ser rigoroso, isto é, rígido e sincero, aparece hoje como o slogan das mais longínquas pedagogias e das suas doutrinas. Moralista por natureza, a pedagogia tem sempre construído um olhar oblíquo e desprezante para qualquer indulgência ao traidor Eros, a seu transmutável desejo de vida, e sua imprevisível e ameaçadora afeição ao corpo e aos seus instintos luxuriosos.

Reabilitar o Eros significa, portanto, inevitavelmente fazer antipedagogia, forçando nossos sentidos inatos a restituir honra e cuidado do corpo, imaginação e desejo. Como pode uma

² Cfr. Sloterdijk Peter, *Deve mudar a sua vida*, trad.it. Cortina, Milão 2010

³ Cfr. Sloterdijk Peter, *Crítica da razão cínica*, trad.it. Garzanti, Milão 1992

pedagogia ainda fundamentalmente adotar uma hierarquia que coloca no vértice o cognitivo, o abstrato e o útil? Também só conceber um reinado do educar no qual Eros passa verdadeiramente a penetrar as suas tentações?

A pedagogia é a última disciplina que tem ainda estancado o preceito onto-teo-egológico já amplamente desconstruído na maior parte dos saberes humanos e também até naqueles da natureza. E se é liberada às vezes de algumas ilusórias e patéticas imitações da geometria abstrata de certa filosofia (não sempre infelizmente), no melhor dos casos, é apresentada com o seu habitual *aplomb* austero, e faz elogios a razão do útil, daquele panoptismo que quer resgatar sempre um ganho de cada prestação. Como pode uma *ratio* pedagógica engessada e direcionada ao martírio, eleita a fazer da cultura do julgamento o seu estandarte inflexível, dialogar com o indomável e imensurável Eros? A nós ficará sempre farrapos, a menos de inesperados tremores, os mestres de ideias vivas, palpitantes e contra educativas⁴ como Nietzsche ou Bataille, como Schérer e Vaneigem, como Illich e Goodman ou Artaud e Hakim Bey. Não é na sua índole, escrava como é das ideias de ordem, de centro, de sequência, de *logos* e de razão.

A pedagogia parece sempre ter fé ao seu imaginário mais severo, das doutrinas, dos castigos, dos julgamentos que a é inerente. Uma pedagogia libertária (que também tem) permanece sempre *extramuros*, como prática desviante e excêntrica. E, todavia, é a essa e as suas ramificações complexas que pode ao contrário, olhar uma antipedagogia contemporânea, da qual se alerta sempre mais, a meu juízo, a necessidade, em um contexto que não se prende na sua intensão mais infeliz: o sequestro sistemático da vida e a sua afirmação a grande maquinação do progresso.

A Contra educação do Eros

“O bloco afetivo produto da dominação intelectual do corpo é o último resíduo da opressão divina. Isso perpetua aquele retrair-se na interioridade que precipita na solidão do ressentimento. Participa daqueles múltiplos campos de coerência inclusos em uma perspectiva de morte. Ocorre fertilizar as nossas faculdades mentais deixando elevar-se, do coração das nossas pulsões afetivas, a luz, que reacenderá para encarnar como vontade de desejo afinado. É este o movimento que libera os campos da coerência fechados e gera os campos do possível e do ilimitado.”⁵

Contra educação, que é o termo que adotei para indicar cada prática formativa inspirada em Eros, significa antes de tudo afirmação sempre e de qualquer modo de tudo que é vital em contraste

⁴ Cfr. Mottana Paolo, *Pequeno manual de contra educação*, Mimesis, Milão 2012

⁵ Vaneigem Raoul, *Do amor*, ed. Le cherche midi, Paris 2010, p.246

com tudo que é mortífero. Se, como é indicado também Freud, Eros é o nome mítico que se determina o princípio do prazer e da vida, isso, quando é liberado, expresso, afirmado, se contrapõe a cada ação fundada, ao contrário, no sequestro do tempo, do prazer, da liberdade. As instituições formativas nunca brilharam, nem o farão agora, em estimular a presença de Eros. Nunca simpatizaram com o componente estético do agir e do saber. São quando muito submetidas a uma originária orientação ascética, como dito, no emprego de instrumentos e de normas coercitivas, ao julgamento de tudo aquilo que podia aparecer instintual ou direcionado ao prazer.

O primeiro princípio, para conversão, de uma educação erótica é a plenitude vital agora e aqui, não lá e então, em um amanhã nebuloso. O tempo que transcorre em qualquer contexto educativo deve ser denso, intenso e significativo agora, não um tempo de opressão ou de renúncia em favor de um amanhã do qual nada é dado a saber. A ética do sacrifício, do esgotamento, do sofrimento que adere como um parasita a grande parte da cultura educativa que até agora tem dominado a cena nas instituições formativas deve ceder a vez a convenção fundamental e não iludível que a experiência de aprender deve sempre ser vivida apaixonadamente. Esta é entre outras a condição para que a aprendizagem seja consolidada e interiorizada. Nenhuma aprendizagem adquirida na condição de suplício poderá ser verdadeiramente incorporada. Nenhuma matéria que não seja emocionante poderá dar brecha a densa rede de defesa que cada um leva consigo mesmo para evitar de ser contaminado por tudo que se apresenta como perigoso e ameaçador.

Aqui o prazer não é necessariamente o corolário da alegria ou de uma irônica condição de bem-estar. Isso é, ao contrário, o efeito da densidade e da intensidade da experiência, de seu caráter potentemente sensível, do nível de envolvimento emotivo, do interesse efetivo de respeito às expectativas e às possibilidades de quem aprende cfr. (Sobre o tema da intensidade e da imanência da experiência imprescindível, fica a referência a Deleuze). Não, entretanto, ter a educação como divertimento, mas como enamoramento, na vasta gama de paixões que compreende também aquelas duras e as vezes desagradáveis e, de qualquer forma, tocante e envolvente.

O Eros, como é conhecido, é uma dimensão da experiência não traduzível na hipócrita pedagogia do sorriso (digno confronto sempre inerente às práticas inspiradas para forçar a posição do ato de ajoelhar e de submissão): ao contrário é uma dimensão complexa, rica de infinitas nuances, do sublime ao abismo, do temível ao fascinante e ao maravilhoso. O Eros é tudo aquilo que completa a ação de qualidade sensível e de sensualidade, de desejo e de medo, de sedução e de conflito, de beleza e de guerra. Como no amor entre pessoas, o Eros na educação é fundamentalmente enaltecido da temperatura da experiência até o calor brando em virtude de uma implicação plenária em tudo o que se faz desde que seja efetivamente carregado de desejo, de mistério e de surpresa, de interesse e de sedução.

Basta com a redução dos lugares, das formas, das linguagens assim bem visíveis nos edifícios, nos instrumentos, nos móveis, nas vestimentas, nos livros (os manuais!), nos materiais. Basta com os discursos negligentes, dos rituais, das liturgias, velhos e vazios. Basta com a palavra pobre, disciplinada, basta com os cerimoniais e insuportáveis das provas, testes e das interrogações. Ocorre uma torção radical para uma política da beleza e da intensidade, da paixão e da aventura. Lugar vital, real, modulável, objetos autênticos, livros autênticos, experiências autênticas, não imitação, simulações, caricaturas. Ocorre o pleno envolvimento do corpo, dos sentidos, das capacidades. Ocorre a convergência das virtudes imaginativas e de matérias imagináveis (cinema, vídeo, arte), da expressividade simbólica e musical, do corpo livre na dança, no rito, na luta, na operação que se experimenta na matéria, em uma poética terrestre que seja transformação e incisão do próprio percurso, e ao mesmo tempo refinamento da sensibilidade, aprendizagem da singularidade, do reconhecimento da qualidade específica dos objetos, da matéria, da natureza.

Eros na educação é libertar o instinto vital, gosto, odor e tato (não só visão e audição), exercitados e solicitados continuamente. É experiência das relações, na qual não é só presa em torno do isolamento da subjetividade da cognição, mas, conversação, compartilhar em volta da comida, da escuta musical, a visão de óperas, a construção e a cultivação das mais diversas habilidades reais (jardinagem, horticultura, marcenaria, metalurgia, ourivesaria, designer e outras, e mais.). Uma cultura da imensidão que acolhe no íntimo e no mínimo, mas, também, na exuberância, do emergir, no atravessamento do infinito que é do mundo das coisas, dos objetos, da cultura. Em uma visão do mundo deserarquizada das escalas obsoletas de valor que distingue alto e baixo segundo critérios idealizados e que mortificam a matéria, quando continuamente estimulada a distinguir a partir das características sensíveis, estéticas, participativas.

Eros é vontade de ser ali e não além, perseguição do tédio inútil. É experiência do vazio como vazio originário, não como vazio pneumático gerado do inculcamento das ideias e das teorias do nada. É a plenitude também da espera, das incubações e das inspirações. É desejo do outro, prazer difuso, cura dos corpos. É vontade de levar-se para encontrar os alunos e reciprocamente os professores porque se é partícipe de uma experiência que libera prazer, dom, gratuidade. Porque ao lugar das provas é suficiente o olhar, porque ao contrário dos exames se imagina e se produzem restituições, agradecimentos, ritos de transição de convívio e de festividade.

Eros não vai onde se desconfia dele, disso ele fica longe. Porque Eros visita os mundos da educação, algo de decisivo se deve verificar, muitos preconceitos devem ser abatidos. Primeiro entre todos aqueles que rezam a necessidade do empenho e do esforço como o fim em si mesmo. O esforço e o empenho são inevitavelmente necessários, mas somente como instrumento, uma vez que o interesse e o enamoramento não sejam só para um fim, mas que aquilo que se está fazendo seja

obtido. Não tem empenho que possa ser livre se não no momento em que haja de verdade demonstrado sua necessidade em um quadro desenhado por desejo, não da imposição e da opressão.

A escola, entre outros contextos da educação, mas quase como um emblema desses, pode voltar a ser um lugar do livre e surpreendente encontro entre paixão recíproca e compartilhada, pode ser o espaço da exploração, da aventura e do jogo, da expressão e da descoberta, em um pacto que a cultura seja radicalmente elevada, aquilo que, agora está em alta, desça e vice-versa. Que o valor do envolvimento se torne primário, que a cabeça seja cheia do corpo e que a atividade seja marcada pelo princípio da emoção, da expansão vital e da “dilatação da experiência” (para dizer com Piero Bertolini).

Utopia possível

Todas coisas que são escritas e reescritas dos mais renomados e iluminados mestres (ou antimestres) da educação, de tempos até remotos. Porque ao contrário ainda os lugares de instrução aparecem irremovíveis e presos a formas mais habituais da coerção, do sufocamento, da alienação? É verdadeiro esta chamada ao Eros, como parece sempre se advertir quando se fala, um gesto de gratuita transgressão, de violação do código, de insubordinação injustificada ou pior, o sintoma de uma perversão que muito frequentemente solicita olhares e expressões de julgamento e de reprovação? Ou é tudo que se rejeita a aceitar também porque obrigaria a parar a inércia, a incapacidade, a indulgência e digamos a ignorância emotiva de grande parte de quem ainda hoje muito frequentemente ocupa posição de poder no mundo da educação?

Não deixarei de usar estes termos maravilhosos, Eros, nem de honrar o seu arquétipo alado e imprevisível, substituindo com expressões mais acomodadas e eufemísticas como afetividade ou sentimento ou emoções para agradar aos outros de um consenso como outros, moralista e castigados. É de Eros que tenho necessidade, Eros em toda incomparável e incontidamente variável das suas manifestações. Eros é a utopia, no sentido que eu não deixarei nunca de afirmar, e tudo aquilo que é possível que se rejeita de querer experimentar por preguiça ou por comprometimento, ou talvez daquele impossível que, porém, permite dobrar o real em direção a sua ulterioridade inexpressa, em direção às frequências infravermelhas e ultravioletas que podem amadurecer a incandescência e integridade de vida nunca verdadeiramente vivida.

Aos novos realistas, aos cínicos modernos (desencantados e tristes), aos tecnocratas, ao grupo ascético que caminha cantando o seu elogio a dor e a fadiga, quero contrapor com incansável esperança a música potente e envolvente da contraeducação, uma antipedagogia do Eros que deixa

cair os “mitos” educativos do nosso tempo e mostra como retoma a vida que vem constantemente derrubada: afirmando, sem nenhum impedimento:

o devir em resposta ao ser
a intensidade e a densidade em resposta ao bem e ao justo
a paixão e o prazer em resposta ao sacrifício e a fadiga
a ambiguidade e a contaminação em resposta a verdade e ao esclarecimento
ao impuro em resposta ao puro
a penumbra em resposta a luz
o erro em resposta e estabilidade
o dizer sim no momento e ao aqui em resposta a negação, a remoção e ao reenvio
a exposição autêntica em resposta a proteção paranoica
o risco e a dissipação em resposta a prevenção e a preservação
a multiplicidade em resposta a unidade
o pluripsiquismo em resposta ao monopsiquismo
a implicação e a integração em resposta a cisão e a divisão
a problematização em resposta a explicação
a fluidez em resposta ao estático
concluindo
a contraeducação em resposta a educação.

Isto se traduz, na educação institucional, - escola e universidade – no afirmar a necessidade de converter massivamente um tempo e um espaço devolvidos violentamente ao tédio e a dependência em espaços e tempos de vida como afirmação existencial, de expressão e de criação, de liberdade. Enquanto o melhor da cultura pedagógica, de Illich a Rogers, de Don Milani a Steiner, de Neill a Goodman, tem nos estimulados a pensar uma experiência nunca separada da vida, e nos colocado em contato com a matéria das coisas, a escola se transformava sempre mais em um lugar separado, ereto em torno ao império disciplinar das matérias, entendido abstratamente e dedutivamente. A escola que deveria instrumentalizar uma imensa roda do suplício com procedimentos de avaliação sempre mais sofisticadas quanto vazios de qualquer justificativas autenticamente educativas, para evitar o dever de confrontar com a sua estrutural incapacidade de solicitar a motivação intrínseca para aprender. Uma escola que colocou de lado o desejo de professores e alunos por um saber possível, para substituir tudo isso pela burocracia, o exercício ascético, o medo e a sanção. Uma escola que nunca considerou como imprescindível, para fins

educacionais de crianças e jovens, o envolvimento massivo dos corpos, das emoções e das imaginações. Uma escola triste, cinza, repetitiva, quando aquecida, somente pelo empenho isolado de alguns poucos professores.

Esta escola assim como todas as “instituições” formativas, acontece não mais como uma virada radical que assumi até o fim Eros, em todas as suas manifestações, - beleza, desejos, paixão, cor, sentidos, envolvimento, afirmações – e esta virada tem o nome de “contraeducação”.

A contraeducação é, portanto, uma tentativa de colocar o processo educativo em contato com a terra, reinvocando a manifestar-se em corpos vivos e desejanter, criadores e afirmativos. É o pedido de um outro mundo possível que na força no desejo saiba construir uma ideia de cultura não como um peso para carregar nas costas, mas como uma aventura infinita, viagem, jogo, dispêndio, exploração multilateral, se não, para dizer como um velho termo marxista, unilateralidade. Algo que não é ainda supondo nunca expresso, se não em breves experiências, autênticas “Zona Autônoma Temporária”, para usar a bela ideia de Hakim Bey⁶, um dos mais iluminados gurus da cultura libertária, experiências que foram registradas, arquivadas e documentadas, da qual se trata de retingir o fluxo e um novo magistério digno finalmente de encontrar as expectativas ainda dispostas de maravilhar-se e antes de tudo a dilatar e incrementar, em vez de desiludir e apagar as crianças e os jovens.

É o momento de terminar com o aprisionamento de uma ordem escolar torturante e ineficaz, e mais que nunca, no tempo da pragmatização integral, da devolução total dos próprios recursos ao emprego industrial e ao embrutecimento da massa. É chegado o tempo das escolas liberadas, das escolas como oásis do saber, como jardim de livre e incessante exploração e experimentação, onde não existe mais as disciplinas mas grandes formas da vida – a arte, a natureza, a dor, a morte, o tempo, os lugares, os sentidos, o sexo, o sagrados e etc. – para atravessar recorrendo ao imenso campo de patrimônio vivo conservado nos livros nas formas de visíveis, no teatro, no cinema, na dança, na música, na ciência, na literatura, na filosofia, na arquitetura, desde que esses sejam alimentos para intercruzar em torno de objetos de imediato interesse experimentais do sujeito vivo e não fóssil deixado no antiquário (os livros de texto).

Mas movimentar-se nos sulcos da contraeducação quer dizer sobretudo encorajar ainda quem não perdeu a esperança na utopia pedagógica, ou na utopia *tout court*. Utopia entendida não como lugar do impossível e do irrealizável, mas como um lugar que designa e individua as tramas do desejo educativo, saiba deduzir as formas imediatas de uma possível tradução em ser, na necessidade de experimentar continuamente as partes e superar como ingredientes elimináveis do possível e do vivo. A contraeducação, herdeira dessa antipedagogia libertária e desejanter, se quer

⁶ Bey Hakim, *T.A.Z. Zona Autônoma Temporária*, trad.it. Shake, Rimini 2008

fazer intérprete desta necessidade e desta nostalgia, incurável dos novos pragmatismos, dos novos desencantos, do novo cinismo, assim bem descrito por Peter Sloterdijk, e sobretudo no velho pensamento pedagógico reacionário e moralista, aquele, no final das contas, que continua a modelar sorrateiramente nossos destinos, e ao qual não é inútil atribuir as responsabilidades das falências de uma educação que talvez as vezes destila qualquer mente eleita mas quase nunca pessoas íntegras, corpos e mentes harmônicos não dispostos a tirar o direito de viver plenamente seus tempos e suas histórias.